



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11244 - Resumo Expandido - Trabalho - 4ª Reunião Científica da ANPEd Norte (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 21/GT 23 - Educação, Gênero, Etnia e Sexualidade

**DA LEITURA FEMINISTA COMO INSTRUMENTO DE FALA: CONTRIBUIÇÕES AOS ESTUDOS SOBRE GÊNERO**

Elizângela Inocêncio Mattos - UFT-PPPGE - UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

**DA LEITURA FEMINISTA COMO INSTRUMENTO DE FALA: CONTRIBUIÇÃO AOS ESTUDOS SOBRE GÊNERO**

### **Introdução:**

A leitura de textos com perspectiva feminista tem corroborado o aspecto constituinte do reconhecimento de si enquanto indivíduo de direitos e vontades, assim como da percepção do outro como detentor dos mesmos direitos. Isso se aplica certamente ao lugar ocupado pela mulher ao longo da história, onde sua voz e vez era por vezes silenciada ou mesmo compreendida como inexistente, a fim de fazer jus ao modelo de sociedade pautado na superioridade do homem diante dela e de seu lugar de submissão e inferioridade.

Da importância da leitura dos textos feministas no processo formador é que se constitui a presente exposição, suscitada a partir de um projeto de pesquisa onde a proposta reside na literatura feminista e a abordagem dada pela filosofia ao que compete aos estudos sobre gênero. Um dos desdobramentos dessa pesquisa foi a disciplina de *Filosofia do Feminismo*, onde a leitura desses textos fomentou o debate e o fortalecimento acerca da temática. Ademais, corroborou o aspecto fundamental, ao promover um lugar de escuta reflexiva e da fala consciente, de si e dos outros.

A proposta deste trabalho versa em demonstrar algumas das abordagens feministas e do aspecto crítico que engendram quando de sua presença em sala de aula, apreender a partir da leitura, o espaço de fala e o protagonismo no ambiente escolar como um exercício de

pertencimento de si mesmo. O êxito do empreendimento, compreende no diálogo entre homens e mulheres, a fim de elucidar a constituição dos mitos, de virilidade e da maternidade, como fundadores do ser homem e mulher na sociedade.

### **Método:**

A presente exposição compreende uma investigação bibliográfica acerca da literatura feminista e de seus efeitos no processo de ensino aprendizagem, a fim de demonstrar a pertinência dessa abordagem como contribuição aos estudos sobre gênero e ao progresso do gênero humano. A análise, teórico- conceitual proposta se compõe em dialogar com alguns textos de perspectiva feminista: Poulain de la Barre, Audre Lorde e Olivia Gazalé, a fim de elucidar o reconhecimento do outro como igual, e do espaço de sala de aula como lugar de escuta e reconhecimento de si enquanto indivíduo participe do processo de realização de uma sociedade mais justa.

### **Discussão:**

Há uma verdade instituída da superioridade do homem diante da mulher, onde todos são submetidos a manter a força viril que tem o poder de decisão. À mulher, os afazeres de casa e o cuidado da família, onde o seu poder de decisão incide tão somente na esfera privada. A força da virilidade e a fragilidade submissa são questionadas e, a mulher de outrora, se fortalece para reivindicar. Ao passar a falar, abre caminho para as novas gerações que podem fluir de uma maneira mais livre.

Na história da filosofia moderna, encontramos um filósofo que, considerando as influências de seu tempo, edificou uma obra onde corroborou o argumento de ser uma construção, a desigualdade entre homens e mulheres. Trata-se do filósofo Poulain de la Barre, que discorreu sobre a desigualdade entre os sexos e apresentou uma argumentação pela qual remonta a inexistência da desigualdade. Em *Discurso sobre a Igualdade entre os Dois Sexos*, discute a efetiva necessidade em superar o preconceito da superioridade do homem e isso soa bastante atual e de árdua tarefa a superação. Todos os indivíduos são dotados de razão, ou seja, a capacidade em discernir sobre o certo e o errado. É que o filósofo coloca em igualdade, as possibilidades de conhecimento e experiência de vida, fundamentando uma filosofia avante de seu tempo, com um forte cunho iluminista diante a temática de gênero e então, do progresso da humanidade. Superar o preconceito decorrente do costume seria fundamental para a sociedade pois, “Se perguntarmos a cada homem em particular o que pensam sobre a mulher em geral, e quiserem admitir sinceramente, dirão sem dúvida que elas são feitas para nós, e que são aptas somente para educar as crianças na sua infância e a cuidar do lar. (LA BARRE, 1984, p.17).

Essa concepção comumente aceita parece ser o ponto de onde sua argumentação se

opõe. Sendo o ponto de partida, não constitui o ponto final, visto que o filósofo destitui a superioridade construída, como se, ao considerar aos seres de razão os tomasse de início, como uma *tabula rasa* onde esse preconceito reforçado pelo costume não teria força para existir. “Lançar a ideia de igualdade é uma coisa, segui-la efetivamente é outra. Poulain é o primeiro de uma linha de ‘lógicos natos da igualdade’, onde ela não pode ser fracionada por um adjetivo restritivo ou um limite de sua aplicação. (FRAISSE, 2016, p.20).

Trata-se certamente de um pensador que pensa a igualdade como condição para uma sociedade justa. Para lograr êxito em sua investigação inverte a equação da superioridade do homem e da existência da mulher pensada sempre para ele e a partir dele. O percurso de seu texto demonstra a capacidade da mulher em operar atividades para além dos cuidados com a casa e com os filhos pequenos. “De acordo com Poulain, a diferença sexual não é de forma alguma baseada na ‘natureza’, o gênero é, em última análise, baseado em nada mais do que o gênero. É precisamente aí que reside a radicalidade de seu feminismo”. (STUURMAN, 2004, p.9).

O pensamento de Poulain se compõe fundamental, ao contribuir com ideias importantes no que compete a discussão sobre gênero, pois fica notório ser a força do costume a tornar verdade o argumento da inferioridade da mulher. E isso perpassa também pela própria concepção que o homem tem da mulher, por isso trata-se de um trabalho de homens e mulheres, permanentemente. É fundamental compreender que: “A noção de igualdade é assim esclarecida: o oposto de igualdade não é a desigualdade, mas o abuso. Abusar é estabelecer uma superioridade de poder que não se baseia em nenhuma qualidade natural notável”. (PELLEGRIN, 2013, p.29).

O protagonismo da mulher, eis o foco nas discussões, ao mesmo tempo em que alcança a escuta e o debate dos demais, inclusive dos homens, a fim de reconhecer o apagamento histórico pelo qual esteve inserida e efetivamente realizar essa reparação, ao passo que o debate permite também demonstrar que não somente ela, mas também o homem, é acometido pela força da construção e imposição do gênero.

Ao falar, a mulher encontrou entraves, pois passou a abalar uma estrutura historicamente construída. Ao falar, ela abala a zona de conforto da virilidade, abala a zona de conforto de si mesma, outrora persuadida em ocupar um lugar de inferioridade. Ao falar mostra sua força e chama ao debate: falar às mulheres implica também falar aos homens: somente podemos falar em avanço se pudermos conciliar os interesses, de maneira que a mulher não tenha mais que suportar uma condição inferior. Ao falar, a mulher diz: estou aqui. O progresso de uma sociedade passa por tal processo: trata-se de falar, não se calar. Trata-se de resistir, ocupar espaços outrora ignorados pela ensinada incapacidade. Enfim, trata-se de ser, efetivamente, mulher como um marco de si mesma.

É preciso que a mulher se escreva: que a mulher escreva sobre a mulher, e que faça as mulheres virem à escrita, da qual elas foram afastadas tão violentamente quanto o foram de seus corpos; pelas mesmas razões, pela mesma lei, com o mesmo objetivo mortal. É preciso

que a mulher se coloque no texto – como no mundo, e na história -, por seu próprio movimento. (CIXOUS, 2022, p.41).

A maneira como se caracteriza costumeiramente o feminino e o masculino na prática cotidiana, atividades de homens e de mulheres, lugar de homens e de mulheres, corrobora o *status quo* estabelecido. Um passo atrás na reflexão, onde cabe perguntar: qual a efetiva diferença entre homens e mulheres? E principalmente, onde se caracteriza a superioridade do homem frente a mulher?

Alicerçada na história, a força predominantemente masculina, encontra na fala da mulher uma descontinuidade, a reivindicação de si como efetiva alteração em seu curso, considerando o indivíduo em suma, a despeito de sua condição de gênero.

De um lado, uma incongruência edificada como verdade universal: a superioridade do homem diante da mulher, possibilitou que se ofuscasse o exercício da autonomia dela diante da força e poder do homem. Por outro, essa verdade constituindo forte entrave para uma sociedade justa, uma vez que impõe aos seus membros, ações pautadas nessa desigualdade construída, uma vez que todos os códigos foram construídos contra a mulher, e que foi útil ao homem mantê-la em condição de dependência. Ora, uma vez mais, a mulher pensada a partir do homem e de acordo aos seus interesses. Enfim, onde estariam os seus próprios interesses?

Da formação de um mito, a saber, da superioridade do homem, encontrou uma força atuante que lhe abalou a estrutura. A mulher, vil, de outrora, encontra cada vez mais lugar de voz e vez, onde se constitui como indivíduo de ação e vontade. O mito da virilidade, pautado na opressão, seria um modelo em crise, que caiu em sua própria armadilha, uma vez que se pauta em normas coercitivas. Ademais, a mulher passaria a falar e assim, realizar o processo de reconhecimento de si.

É possível considerar que o mito da força e virilidade de um lado, fomentando o ser homem, e o mito da doçura e submissão, de outro, caracterizando o ser mulher, uma vez constituintes da estrutura dominante, necessitou primeiro ter suas bases abaladas, isso a partir de mulheres que começaram a ocupar um lugar efetivo e reivindicar seus direitos. Mas esse aspecto determinante de ser mulher, ser homem, coloca a sociedade em uma zona de conforto que corrobora a desigualdade entre ambos. Certamente que, ser homem e ser mulher, os distingue em ações e comportamentos, apreendidos como parte da natureza de cada um. Disso resulta, o preconceito enraizado diante aos que não correspondem em suas práticas às normas estabelecidas para o gênero. Atrelado a isso, a supremacia masculina diante a mulher e também, a heterossexualidade compulsória, fonte reconhecida de estar no mundo e que atende ao ser determinado socialmente.

Ao propor refletir sobre a supremacia masculina, Olivia Gazalé, considera a mudança sobre o papel da mulher de fundamental importância. Discorre sobre um mundo caracterizado pelo predomínio da força masculina e sua presença elementar, onde foi necessário incluir a voz das mulheres. “De mulher-objeto, a mulher se transformou em mulher - sujeito: no

direito, igual ao homem. Em algumas áreas, como a educação, chegou a ultrapassá-lo e assim, alcança com mais frequência posições de poder, de onde dirige os homens”. (GAZALÉ, 2017, p.10).

Monique Wittig descreve uma revolução a partir do corpo feminino, a partir do protagonismo da mulher. Pela fala das guerrilheiras, é possível compreender o lugar da mulher, decidido pelo homem: “Elas dizem: você é realmente uma escrava, se é que já existiram escravos. Os homens tornaram aquilo que os distingue de você um signo de dominação e posse”. (WITTIG, 2019, p.98).

Vale dizer, que na obra *As Guerrilheiras*, dentre tantos méritos de Wittig, está em descrever as mulheres que efetivamente falam, elas se unem e atuam efetivamente para um mundo, onde a força e a posse, comumente de predomínio masculino, são ponderadas dando curso a relações sem a alcunha da dependência. Soa também como uma resposta, ao acúmulo de obras onde a mulher fora colocada a margem da linguagem masculina, um mundo reconhecidamente visto sob sua ótica, dando lugar a visão feminina da história, reforçando a tese de um equilíbrio. Melhor dizendo, da importância em destituir os alicerces masculinos e femininos no discurso, possibilitaria uma visão ampla e equânime do ser humano. Efetivamente, as guerrilheiras de Wittig *falam*, denunciando a desigualdade estrutural.

Há o chamado aspecto viril que o homem *deve ter* e de outro, temos o lado maternal e doce que a mulher *deve ter*. Trata-se de uma polaridade que já não pode mais abarcar a sociedade contemporânea. Aliás, o silêncio e a resiliência constituem elementos constitutivos do ser mulher, de onde o sucesso de um casamento, incide. Isso porque as justificativas para além do motivo primeiro da união parecem recair nela. A tolerância na relação de casal cabe mesmo, somente a mulher? Novamente, a mulher pensada a partir do homem e para o homem.

Na obra que Audre Lorde, é possível reconhecer o exercício de uma existência como motor para a ação e para despertar aos demais para a ação e o reconhecimento de si. É por meio de sua arte que a autora efetua o elo entre a escrita de uma vida e a vida em uma escrita, acarretando dessa forma uma obra poderosa, que parece alertar, chamar à ação. Para Audre Lorde, um escritor é, por definição, um professor e reconhece na diferença o lugar de força e união e não de distanciamento entre as pessoas. Mais uma vez, o reconhecimento da diferença é parte constituinte do ser, da consciência de si e considerá-la é atributo primordial. Assim, “Enquanto a existência de diferenças humanas significar que alguém deve ser inferior, o reconhecimento dessas diferenças será carregado de culpa e perigo”. (LORDE, 2020, p.43).

### **Conclusão:**

A discussão sobre gênero e o reconhecimento de que se pode constituir a partir de práticas cotidianas que se repetem, pode soar inoperante, uma vez que há um aspecto que fundamentalmente constitui a cada um: o aspecto rígido das existências. É o rigor da sujeição a uma estrutura de força sem nenhum ponto contrário, que se incorre a designá-lo por toda

uma vida, como se assim tivesse uma marca característica que devesse ser perpetuada sem nenhum exame. Quanto mais rígida esta estrutura, tendem a ser maiores os entraves a reconhecer a si mesmo como um ser em movimento, de onde a fluidez tão presente nos dias atuais soa revolucionário.

A conhecida polaridade homem e mulher, compõe o modo de ser e estar no mundo, enaltecendo, uma vez que se compõe como única verdade, o preconceito cotidiano, frente aquele que não se comporta e não se realiza diante as determinações sociais construídas a partir de uma diferença no corpo. Essa diferença, como apontou Poulain de la Barre, correspondente somente ao corpo, não poderia ser suficiente para justificar a superioridade do homem diante a mulher. Se a educação pode romper com esse comodismo estrutural, certamente que requer de toda a sociedade uma atenção permanente diante as várias formas pelas quais se alimenta o machismo e a desigualdade entre mulheres e homens.

As mulheres falavam antes, falam mais agora. Trata-se de expor o que incomoda e reivindicar melhores condições. Em contrapartida, o aumento considerável da hostilidade, da recusa ao reconhecimento, do difícil enfrentamento à desigualdade entre mulheres e homens, como se constituísse uma ameaça, salta aos olhos e às estatísticas. Trata-se de uma mudança de atitude permanente, um vigiar constante na reprodução consciente ou inconsciente que se realiza todos os dias, de uma estrutura arraigada e de difícil aceitação.

O ser de ação pode ser sempre aquele que o desejar ser, agir em acordo a si mesmo. Talvez dessa forma seja possível compreender que, superar a desigualdade entre homens e mulheres, implica um efetivo exercício de tolerância a diversidade existente. A discussão é de todos, o efeito alcança a todos. Daí que designar, para fim de compreensão, a polaridade que incide sobre mulheres e homens não os configuram inimigos, uma vez que a sociedade se compõe de todos, no exercício cotidiano do respeito mútuo aos direitos e a liberdade de cada um. É pensar cada ser humano como marco zero de si mesmo.

A guisa de conclusão, considero importante tomar a discussão feminista como primordial para se pensar o futuro das novas gerações e avanço da sociedade, no que se refere a superação da desigualdade entre homens e mulheres e de todo preconceito decorrente dela. Ademais, cumpre também, como um lugar de pertencimento, fomentar pelo debate o reconhecimento de si enquanto indivíduo de direitos e deveres que encontra na diferença não um aspecto a ser usurpado, mas reconhecido e constituinte de si mesmo, pois como aponta Audre Lorde: (...) Devo escolher definir minha diferença, assim como vocês devem escolher definir as suas, reivindicá-las e usá-las criativamente antes que alguém as defina por vocês e as use para erradicar qualquer futuro, qualquer mudança". (LORDE, 2020, p. 45).

Trata-se certamente de uma chamada à consciência de si em toda amplitude, considerando a diferença a condição primordial para a voz ativa da ação necessária rumo ao pertencimento. A leitura dos textos feministas compõem assim, instrumento fundamental para o debate sobre gênero e a superação da desigualdade e o preconceito.

Palavras-chaves: gênero, mulher, preconceito

## Referências

- CIXOUS, Hélène. **O Riso da Medusa**. Tradução de Natália Guerellus e Raísa França Bastos. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.
- FRAISSE, Geneviève. **La Sexuation do Monde** – Réflexions sur l’émancipation. Paris, Presses de Sciences Po, 2016.
- GAZALÉ, Olivia. **Le Mtythe de la Virilité** – Un piège pour les deux sexes. Paris: Éditions Robert Laffont, 2017.
- LORDE, AUDRE. **Sou sua Irmã: Escritos Reunidos**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- PELLEGRIN, Marie- Frédérique. Égalité ou Supériorité: les Ambiguités du Discours Égalitaire chez Poulain de la Barre (1647-1723). In HAASE-DUBOSC, Danielle/ HENNEAU, Marie-Élisabeth (direction). **Revisiter la ‘Querelle des Femmes’ – Discours sur L’égalité/inegalité des Sexes, de 1600 à 1750**. Saint-Étienne: Publications de L’Univeristé de Saint- Étienne, 2013.
- POULAIN DE LA BARRE, François. **De l’Égalité des Deux Sexes**. Paris: Fayard, 1984.
- STUURMAN, Siep. **François Poulain de la Barre and the Invention of Modern Equality**. Cambridge, Massachussetts: Harvard University Press, 2004.
- WITTIG, Monique. **As Guerrilheiras**. Tradução de Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo, São Paulo: Ubu editora, 2019.